

# EX TROPICIS



INFORMAÇÕES AMBIENTAIS

## Calendário da Natureza

Dezembro, 1991

TEXTO DE LIANA JOHN

Dezembro traz o dia mais longo do ano, a plenitude do verão, da estação das cortes nupciais e dos filhotes, do crescimento, da abundância. No dia 22, o Sol termina a longa jornada aparente do Norte para o Sul, projetando-se a pino sobre o Trópico de Capricórnio, que, no Brasil, corta São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná. Já no dia 23, o Sol reinicia a jornada inversa, indo do Sul para o Norte, deixando um rastro de calor, de festa dos bichos, de flores e frutos nas árvores.

Nas noites sem nuvens, a marca registrada de Dezembro é o nascimento de Sirius, a estrela mais brilhante da constelação do Cão Maior e a mais brilhante do Hemisfério Sul. Junto com a constelação de Orion - que representa um caçador cujo cinturão são as famosas Tres Marias - o brilho de Sirius perdura por todo o verão.

Nas matas de todo o Centro-Sul do país, os mamíferos exibem seus filhotes e ensinam a arte da sobrevivência. As primeiras lições são fáceis, na estação da fartura. Os filhotes recém nascidos de pacas, bugios, macacos-prego e guaribas aprendem a reconhecer os sapotis (*Achras sapota*), as azedas carambolas (*Averroa carambola*), as diversas qualidades de gabirola (spp), os guabijus (*Eugenia guabiju*), as pitangas do norte (*Eugenia uniflora*), ingás (*Inga guilleminiana*), jambos brancos (*jambosa vulgaris*), as doces mangas (*Mangifera indica*), as negras amoras (*Morus alba*), os raros cambucis (*Paivaea langsdorfi*) e as vulgares goiabas (*Psidium guajava*).

Todas essas frutas são disputadas também com os homens. E para aqueles que pretendem defender essas delícias silvestres é bom lembrar que suas sementes são muito perecíveis e o plantio deve ser feito logo em seguida ao consumo, para aumentar as chances de sucesso dos bosques do futuro. A preservação de algumas dessas espécies silvestres, como o cambuci, as gabirolas, os ingás, os jambos e amoras, depende muito das iniciativas particulares, posto que seus frutos não são comercializáveis - amassam, perecem rapidamente, azedam - e a pesquisa não se interessa muito por aquilo que não tem mercado. É mais fácil encontrar em nossas feiras frutas trazidas de fora - como a manga e a carambola - do que encontrar investimentos no melhoramento das frutas nacionais.

A manga, apesar de exótica - foi trazida da Índia - espalhou-se por quase todos os quintais, sítios e fazendas do Brasil. Hoje já faz parte da mesa, tanto dos fazendeiros como dos peões, e das credices populares. As mangas são consideradas mortais, se ingeridas com leite e abortivas, proibidas a mulheres grávidas.

A carambola, que muitos acreditam ser nativas, na verdade foi trazida pelos padres jesuítas, não para consumo dos frutos, nem para fazer sucos, mas por suas qualidades como remédio contra diabetes. Depois que as caramboleiras se tornaram populares é que foram descobertas as qualidades refrescantes de seus frutos.

Com a abundância das frutas, os pássaros continuam em fase de acasalamento e reprodução, como o observado durante toda a primavera. Dezembro, em especial, é o mes dos sabiás e das saíras, gêneros que incluem muitas espécies perseguidas para gaiola. Na família das saíras - Thraupidae - figuram algumas das espécies mais coloridas do mundo, todas nativas do continente americano e algumas exclusivas da zona tropical. Alguns machos, como o da saíra-beija-flor, mudam totalmente a coloração das penas, enfeitando-se para fazer a corte às fêmeas. Eles "tiram" o "traje" verde com que se disfarçam no inverno e "vestem" lilás para o acasalamento.

Dentre os sabiás, o mais conhecido - o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*) - também faz seu ninho agora, em matas nativas ou fazendas ou mesmo nas árvores das cidades. Seu canto forte e alegre não se limita às cercanias das laranjeiras, como o nome comum o sugere, mas pode ser ouvido em qualquer fruteira de fundo de quintal ou no chão, onde o sabiá também faz refeições à base de minhocas e lagartas.

Nos cerrados e sertões mais secos, dezembro é tempo de procriação para os tatus de todos os tamanhos. A maioria entra nas tocas e acasala às escondidas, em buracos difíceis de achar. Os filhotes só vão aparecer para quem tem muita sorte, olhos treinados e reflexos rápidos, nas breves incursões noturnas que os tatuzinhos fazem com suas mães.

O mes das chuvas e do sol forte traz dificuldades para os polinizadores. As abelhas, vespas e mamangavas concentram seu incansável trabalho de ir e vir durante as horas mais frescas do dia, quando não há tempestades tropicais. É driblando os aguaceiros e evitando o sol forte que os polinizadores garantem a profusão de flores e sua transformação em frutos.

O trabalho das mamangavas junto às castanheiras, por exemplo, é impagável. As castanhas-do-pará, altas e inatingíveis para insetos menores, só pode ser polinizada pelas mamangavas. Em dezembro, as enormes bolas que contêm as castanhas amadurecem e se abrem, soltando as sementes cheias de proteínas, que comercializamos aqui e exportamos para o Primeiro Mundo. As mamangavas visitam as flores amarelas das castanheiras mas não sobrevivem apenas delas, dependem de outras flores, como a de maracujá, para completar sua dieta e, por isso, não podem fazer seu trabalho se a mata em torno das castanheiras é cortada. Hoje, um dos espetáculos mais desoladores da Amazônia são os cemitérios de castanheiras secas e estéreis, moribundas em pé, vítimas da retirada da mata à sua volta e da ausência das visitas de polinizadores que lhe asseguram o ciclo reprodutivo completo.

Na região Norte neste mês se colhe o guaraná. Os arbustos da fruta amazônica parecem esperar a colheita com centenas de olhinhos vermelhos de pupilas pretas, sementes que os indígenas acreditavam trazer proteção e boa sorte.

O mais longe possível dos homens que colhem guaraná, em dezembro nascem os filhotes do parauacu, um dos macacos mais caçados do interior do Amazonas. Os parauacus andam em grupos familiares e tem um comportamento social extremamente desenvolvido.

Dezembro, 1991

Os filhotes mais velhos ajudam as fêmeas a criar e carregar os recém nascidos e assim vão aprendendo a cuidar dos futuros filhotes que eles mesmos terão.

Do outro lado do país, no extremo Leste, o litoral nordestino agora produz marmelos. Mais do que a fruta, largamente utilizada na produção de doces, os marmeleiros tem sido cultivados pelo mel, clarinho e muito cheiroso. Os marmeleiros são abundantes no Piauí, para onde tem seguido muitos apicultores. As abelhas nordestinas, mais ferozes do que as do centro-Sul, cobram em picadas, o doce mel que os apicultores lhes roubam.

Ainda no Nordeste, sem as chuvas mas com sol forte, as abelhas melíferas também zumbem em torno das quixabeiras (*Bumelia sertorum*) e do sempre-verde juazeiro (*Siziphus joazeiro*), que agora florescem em meio aos ramos secos e desfolhados da caatinga. As duas espécies se revestem de novas folhas e pequenas flores amarelas, como se estivessem antecipando as festas de fim de ano, quando normalmente começam as chuvas. O juazeiro tem frutos amarelos comidos pelos animais silvestres e domésticos, direto do galho - como fazem os bodes - ou caídos no chão. A casca do juazeiro serve igualmente para a fabricação de sabão, tonico capilar e dentifrício.

No agreste, a faixa de vegetação de transição entre o sertão seco e o litoral, dezembro é tempo de colheita de oiticicas (*Licania rigida*), frutos de uma espécie de palmeira de boa sombra, que cresce perto d'água. As oiticicas formam alamedas onde o lençol freático é raso e o solo arenoso. Servem, assim, de abrigo para o gado nas aguadas. Seu fruto é usado na produção de óleo para pintura de quadros, um óleo com a reputação melhor do que o óleo de linhaça.

Nos cerrados mineiros e paulistas, as florações misturam todas as tonalidades e cores. Ainda resta algum vermelho e laranja dos flamboyants e da cardeal (*Mannettia ignitia*). O rosa fica por conta da borboleta (*Cosmos caudata*), da perpetua (*Gomphrena celosioides*), dos camarás (*Eupatorium paniciflorum*) e curriolas (*Ipomoea spp.*). Em tons de roxo e lilás espalham-se a menta do campo (*Lamium amplexicaule*) e a dor-de-cabeça (*Centratherium punctatum*) e o amarelo toma conta das acácias e crotalárias.